Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Anais

III Seminário Internacional Sociedade Inclusiva

Ações Inclusivas de Sucesso

Belo Horizonte
24 a 28 de maio de 2004

Realização:

PUC Minas
Pró-reitoria de Extensão

SOCIEDADE INCLUSIVA
PUC MINAS

Mesa Redonda “Atuação Inclusiva de Organizações do Terceiro Setor II”

INCLUSÃO SOCIAL OU CONSTRUÇÃO DE OPORTUNIDADES COMO MEIO TRANSFORMAÇÃO SOCIAL?

José da Cunha Karajá

CARE Internacional Brasil

Inclusão

Inicialmente, torna-se imperativo definir o uso do termo “inclusão”, para que possa ser entendido no contexto que se segue.

Entendo aqui o termo como inclusão social, partindo do pressuposto de que vivemos em uma sociedade excludente, onde setores da população não têm acesso a serviços, recursos e oportunidades para viver de forma digna, enquanto apenas para alguns isto ocorre. Assim se forma esta camada de excluídos, fundamentalmente, de um futuro melhor que sua situação atual.

Definindo o uso de termo “inclusão”, dentro do contexto acima mencionado, considero sua aplicação indevida, pelo fato de não olhar a sociedade como excludente, mas desigual um corpo social fragmentado e complexo, onde segmentos sociais convivem no seu interior, de forma igualmente desigual. Alguns, com acesso a oportunidades e outros, sem oportunidades de acesso aos bens e riquezas, serviços e direitos.

Desta forma, considero que estamos lidando com a desigualdade, dentro de uma sociedade que não consegue distribuir entre seus membros, de forma equilibrada e justa, as riquezas e bens gerados no seu interior, assim como o acesso aos mecanismos legais e serviços providenciados pelo setor público.

O Lugar do Terceiro Setor nos Processos de Superação das Desigualdades

A permanência das desigualdades sociais, no caso do Brasil, convivendo tão próximas, causa indignação. Cidadãos indignados, individual ou coletivamente, deixam a passividade diante de um quadro de dilaceramento do tecido social, e buscam intervir nesta realidade são mais de 50 milhões de pobres e miseráveis de maneira objetiva, buscando criar possibilidades e alternativas para esta população.

Cabe ressaltar que as intervenções do Terceiro Setor, sejam em prestação de serviços ou em aquisição e distribuição de bens, jamais resolverão como um todo as desigualdades. Um país com as dimensões do Brasil, tanto em termos populacionais quanto territoriais, necessita de intervenções em escala macro, capazes de atingir este imenso contingente populacional disperso em um espaço físico que guarda diferentes características ambientais, políticas, culturais, econômicas e sociais.

Devemos também levar em conta, neste debate, o que chamamos de Terceiro Setor. De forma genérica, agrupa organizações da sociedade civil (Associações de Moradores, Grupos de Jovens, de Mulheres e uma infinidade de representações coletivas), Organizações Não-Governamentais-ONGs e Institutos e Fundações de Empresas. Cada um destes segmentos atua conforme sua própria visão de sociedade e de futuro, a partir do seu lugar social. Constroem o conceito de Terceiro Setor via uma atitude de negação, não são do Setor Público ou do Setor Privado.

A Construção de Oportunidades

As ações e práticas sociais exitosas são muitas, dispersas pelo Brasil afora, guardando características próprias, onde ocorrem, levando em conta contextos sócio-econômicos, culturais, políticos e ambientais e, principalmente, os atores sociais envolvidos.

A título de exemplo, descrevo uma experiência em desenvolvimento na Maré (um complexo de 16 comunidades de baixa renda com uma população de aproximadamente 130 mil habitantes), no Rio de Janeiro. Nos fins dos anos 90, um grupo de moradores da Maré realizaram o que a grande maioria de seus vizinhos e amigos de infância não tiveram a oportunidade de fazer: a conclusão de um curso universitário. Constataram que freqüentar a universidade oportunizou para eles não apenas acesso ao mercado e melhores oportunidades de trabalho como acima de tudo, a edificação de uma nova visão de mundo e de futuro.

A partir desta constatação, criaram uma ONG local, o CEASM-Centro de Estudos a Ações Solidárias da Maré, que continua proporcionando curso pré-vestibular para jovens de baixa renda, ampliando suas chances de acessar a Universidade pública. Com isto, um maior número de jovens destas comunidades passou a freqüentar a Universidade, quebrando a lógica histórica de que “filhos de pobres, pobres serão” a que chamamos de mobilidade social.

Percebendo que as carências de acesso à educação e cultura são limitadas nesta área de baixa renda, com o passar do tempo ampliaram as ações deste Centro, oferecendo opções para os jovens, que incluem: Cursos de línguas, computação, reforço escolar, dança, música e outras atividades pontuais. Em 2003, estenderam as atividades do Centro inicialmente construído no Morro do Timbau para outra comunidade, Nova Holanda, ampliando a capacidade de atendimento e expansão da experiência. Em 2004, inauguraram o Centro de Cultura da Maré, em área próxima a Av. Brasil, onde atividades culturais acontecem para toda o aglomerado, ao proporcionar sessões de cinema, teatro, dança e shows de companhias e grupos culturais, oportunizando à comunidade, acesso à arte e à diversão, antes bastante limitado.

Novas redes sociais se formaram a partir dos eventos proporcionados pelo CEASM. As opções culturais e educacionais se ampliaram no bairro, favorecendo um novo olhar e novas percepções sobre o conceito dominante na cidade, “a favela e o asfalto”. Este conceito de fragmentação gradativamente vai sendo questionado quando novas abordagens são incorporadas, no dia a dia da comunidade. O futuro passa a ser percebido de forma mais abrangente que a dualidade do emprego de baixa remuneração ou o “crime”. Outras intervenções sobre a construção de futuros são possíveis.

O que mais chama a atenção neste processo, é o fato de os jovens universitários tornarem-se pesquisadores sociais dentro das suas áreas de estudo, incorporando a perspectiva de transformar o local de moradia onde estabeleceram laços históricos e afetivos e não mais optar por sair da comunidade. Assim, a compreensão dos fenômenos sociais do bairro e a construção de soluções para a superação das suas limitações passam a levar em conta a percepção interna de seus moradores envolvidos na rotina local. Desta forma, acentuam-se as capacidades de participação social em vários setores, criando-se mecanismos de interação entre o poder público e a sociedade civil.

As ações voltadas para a pesquisa e produção de informações sobre espaços populares ganharam impulso com o apoio e intervenção de uma outra ONG, o Observatório Social de Favelas, que forma equipes locais de pesquisadores, todos estudantes universitários, sob a supervisão de professores e pesquisadores de várias universidades do Rio de Janeiro.

Obviamente, a ação do CEASM na Maré não é tão linear quanto descrita acima. A construção metodológica, o clima de violência e pobreza, a captação de recursos e serviços foram e são desafios constantes e permanentes. Os processos sociais são dinâmicos e contínuos, o que requer um permanente olhar sobre a evolução social da comunidade e as novas demandas que se vão apresentando.

O conceito de êxito ou de sucesso pode ser verificado por diversos ângulos, situados em diferentes momentos históricos e conjunturais do grupo social observado.

Algumas Conclusões

A principal referência que a experiência observada nas ações do CEASM pode oferecer, diz respeito à possibilidade de construção de soluções locais para a superação da pobreza e criação de oportunidades.

O fato de todo o processo ter sido desencadeado por moradores da Maré, situa esta experiência em um contexto social próprio, onde os atores sociais ao mesmo tempo se reconhecem como sujeitos e objeto de uma ação social transformadora, construindo novos cenários e práticas sociais, possíveis de serem replicados e ampliados para uma escala macro, visando atender um número cada vez maior de beneficiários, e

conseqüentemente, obter maior impacto e resultados. “Sabe-se que a elaboração de políticas públicas eficazes depende de informações detalhadas sobre seu público-alvo.”[1]

A abertura e a capacidade dos agentes sociais locais para buscarem apoio externo, tanto técnico quanto financeiro, permitiu a construção de canais de articulação e aquisição de conhecimento por parte dos atores sociais locais, abrindo novas perspectivas para a comunidade e os jovens envolvidos neste processo, através da integração do espaço popular com academias, empresas, setor público.

Novas redes de relações foram arquitetadas entre os moradores, com base não apenas na pesquisa e produção do conhecimento, mas através do esporte, arte, dança, música e cultura. As oportunidades de acessar conhecimento se multiplicaram. Diferentes redes se formaram entre instituições e atores sociais populares, complementando e interagindo experiências sociais.

Em fim, percebe-se a emergência de novos agentes e a constatação de que não se pode medir o desenvolvimento social, procedendo apenas do acesso a emprego e crescimento de renda. Estes indicadores podem inclusive resultar em uma nova visão de mundo, concebida de “dentro para fora”, a partir de oportunidades criadas pelos próprios cidadãos que delas necessitam.

[1] Informação a Serviço da Cidadania, Denise Britz e José Matias de Lima: Cadernos do IETS, Abril, 2002